

RESUMO - ENTOMOLOGIA E ACAROLOGIA

PRIMEIRO REGISTRO DE PIAGETIELLA VIGUA EM NANNOPTERUM BRASILIANUM NO NORDESTE DO BRASIL

Camila Eloine Da Silva Soares (camilaeloine@gmail.com)

Yasmin Santanna Pereira (yasminsamm.yp@gmail.com)

Vinícius Baggio De Souza (vbagios@gmail.com)

Fernando De Castro Jacinavicius (fcjacinavicius@gmail.com)

Ricardo Bassini Silva (ricardo.bassini@gmail.com)

Juliana Maia De Lorena Pires (julianampires@hotmail.com)

Augusto Carlos Da Boaviagem Freire (pxboaviagem@gmail.com)

Joao Fabio Soares (jfsvet@gmail.com)

Piolhos mastigadores geralmente estão associados ao parasitismo em penas e na pele de seus hospedeiros, causando dermatite e prurido. Progressivamente o quadro clínico pode ser debilitante em algumas aves, podendo levar à morte. Diferentemente, o gênero *Piagetiella* ocorre na cavidade oral de pelicanos e cormorões, se alimentando de produtos epidérmicos. O Biguá (*Nannopterum brasilianum*) é uma das espécies de aves mais comuns e abundantes no Brasil, porém pouco se sabe sobre sua fauna parasitária, os estudos em sua maioria

são limitados a helmintos e escassos em relação a ectoparasitas. Os efeitos prejudiciais desses parasitos na saúde e bem-estar dos animais afetados são desconhecidos, sendo importante seu monitoramento para a conservação e o manejo da vida selvagem. Neste trabalho, relata-se o primeiro caso de *Piagetiella vigua* parasitando um biguá no Brasil. Um exemplar de biguá foi resgatado pelo Centro de Reabilitação de Fauna marinha - Projeto Cetáceos da Costa Branca (PCCB/UERN) com penas da cauda e das asas danificadas, impedindo sua capacidade de voo. Ao exame clínico para avaliação do estado geral de saúde, observaram-se erosões, úlceras e petéquias na mucosa oral, além de diversos piolhos infestando a cavidade oral. Amostras de piolhos coletadas foram clarificadas com lactofenol e montadas em lâminas. Amostras adicionais foram enviadas ao Instituto Butantan para obtenção de imagens por Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV) e destinadas à extração de DNA com posterior PCR e sequenciamento. Os ectoparasitas foram identificados por exame morfológico e microscopia eletrônica de varredura. A identificação em nível de gênero e espécie foi realizada com base nas descrições e redescrição morfológicas presentes na literatura. Não foram produzidas sequências viáveis para análise filogenética. *P. vigua* pode ser diferenciada de outras espécies do gênero por apresentar formatos diferentes da genitália ventral masculina e feminina, ausência de ctenídios no esternito IV e no fêmur da perna III (presença apenas de cerdas agrupadas), bem como ausência de cerdas associadas ao espiráculo. Essa descoberta fornece evidências de que este ectoparasito pode contribuir para formação de lesões na orofaringe, especialmente em aves já afetadas por outras condições de saúde. Além disso, evidencia a presença de lacunas no conhecimento da ectoparasitofauna de aves costeiras, potenciais riscos à fauna silvestre e os efeitos mais amplos das infestações por *P. vigua* na saúde dos biguás.

Palavras-chave: ectoparasitos; aves silvestres; piolhos mastigadores.